

— Gracie, amor, queres casar?

— Quero.

— *O quê?*

— Quero.

Ludwig Leferrier ficou a olhar para o pequeno rosto sério, radiante e calmo de Gracie Tisbourne. Seria possível que estivesse a brincar? Era. Oh, meu Deus!

— Gracie, a sério?

— A sério.

— Mas estou a falar de...

— Evidentemente. Mas se estás arrependido do que disseste...

— Gracie! Mas... mas... Gracie, gostas de mim?

— Não consegues deduzir isso pelo que acabei de dizer agora mesmo?

— Não quero que o amor seja por dedução.

— Eu amo-te.

— É impossível!

— Isto está a ficar uma conversa de estúpidos.

— Gracie, nem quero acreditar!

— Porquê estás tão admirado? De certeza que a situação está esclarecida há algum tempo. Para todos os meus amigos e pessoas de família está.

— Oh, para o diabo os amigos e a família... quero dizer... Gracie, é isso mesmo que queres? Gosto tanto, tanto de ti...

— Não sejas tão *toló*. Ludwig, às vezes, és mesmo *toló*. Gosto de ti, e sempre gostei desde que me deste um beijo por detrás daquele túmulo ou lá o que era no British Museum. Nunca pensei que ia ter tanta sorte.

— Mas estavas à espera disto?

— Esperava por isso neste momento.

— Eu não.

— E agora estás assim com tanto medo?

— Não! Gosto de ti há séculos. Mas tens uma maneira de ser tão altiva.

Toda a gente se sente submetida por ti.

— Não sou altiva. E isso é uma maneira muito grosseira de pôr as coisas.

— Desculpa.

— Sou insignificante e ignorante, enquanto tu sabes tudo.

- Como se isso... Pensei que era um entre muitas centenas.
- Não, és o único.
- Tens estado tão calma!
- Uma rapariga tem de manter o seu orgulho. Agora dá cá a mão. Vamos contar aos meus pais?
- Não, por favor... quero dizer, irão opor-se?
- Vão ficar encantados.
- Seja como for, pensei que queriam que te casasses com aquele indivíduo Sebastian.
- Querem o que eu quiser.
- Não se vão importar por eu ser americano?
- Por que haviam de se importar? Não, até porque não vais voltar mais à América.
- Disseste um dia que queriam que casasses com um inglês.
- Só para que não me levassem para longe. Mas tu não vais. Vamos viver em Oxford.
- Quanto a Oxford não sei. Oh, valha-me Deus! Gracie, nem acredito, estou tão feliz... Querida, por favor...

O divã-cama de Gracie, onde estavam sentados, era muito estreito e encaixava por baixo de uma prateleira branca e comprida. Umhas almofadas, muito cheias e pequenas, que Ludwig odiava e a que Gracie chamava os seus «gatinhos», ainda reduziam mais o espaço para se sentarem ou deitarem. Uma das mãos dele desaparecia por debaixo da coxa quente de Gracie. A cabeça descaiu-lhe e sentiu a aspereza do seu rosto contra a suavidade do vestido justo. Apertados um contra o outro, os dois corações batiam acelerados nas respectivas jaulas. Agora sem qualquer disfarce. Ludwig soltava gemidos. Nunca fizera amor com ela. A coisa era angustiante.

— Cuidado com a mesa!

Ludwig começou a escorregar e, para evitar o barulho da queda, torceu uma perna para fora do sofá para se apoiar e caiu lentamente abraçado à cafeteira de café enquanto Gracie, em cima, reprimia o riso: «Psch, Ludwig!»

A casa dos Tisbournes, em Kensington, pretensiosamente designada por Pitt's Lodge, era uma residência pequena, acanhada e estreita, de pessoas com uma situação social elevada, atravancada com elegantes ninharias disfarçadas de mobília. Ludwig já tinha partido duas cadeiras. Por detrás das paredes finas como papel dos seus quartos pequenos, os pais de Gracie eram omnipresentes. Agora mesmo, do outro lado da porta, Clara Tisbourne chamava o marido no andar de baixo: «Pequeno, querido, os Odmores convidam-nos para o *segundo* fim-de-semana.» Era uma situação impossível, mesmo se Gracie estivesse disposta a isso. Não podia levá-la para o seu apartamento porque Gracie não simpatizava com Mitzi Ricardo. Mitzi Ricardo também não simpatizava com Gracie e, até perceber que Ludwig estava apaixonado, referia-se a ela tratando-a por «senhorita». Talvez tivesse de ser outra vez no British Museum.

— Que havemos de fazer? — perguntou a Gracie.

— Acerca de quê?

Nunca tinham falado de sexo. Não tinha a mínima ideia se Gracie era virgem ou não. Devia contar-lhe as suas aventuras amorosas na universidade? Oh, valha-me Deus!

— Olha. Sim, eu sei. Querido Ludwig, senta-te calmamente e dá-me a mão.

Ludwig olhou para os olhos francos e misteriosos da rapariga com quem se comprometera, com quem comprometera a sua vida, o seu futuro, os seus pensamentos e sentimentos, toda a sua existência espiritual. Era fantasticamente jovem. Sentia-se muito mais velho que esta flor a desabrochar. Sentia-se vulgar, estúpido, antiquado, sujo. No mesmo instante ocorreu-lhe que ela era quase totalmente uma estranha. Amava e estava noivo de uma estranha.

— Gracie, és tão pura, tão autêntica.

— Isso é a tua conversa *tola*.

— És tão nova!

— Tenho dezanove. Tu só tens vinte e dois.

— Quando é que nos casamos? Em Inglaterra é preciso muito tempo para uma pessoa se casar?

— Acabámos agora de ficar noivos. *Por favor*, Ludwig. Sabes como a mamã é exagerada.

— Qual é a vantagem de estarmos noivos? Quero...

— É agradável estar-se noivo. Vamos estar casados muito tempo. Gozemos o noivado. É um período especial. Gostei tanto dos primeiros cinco minutos.

— Mas, Gracie, como vamos nós...

— Além disso, a mamã vai insistir num grande casamento de branco e naqueles pormenores que levam séculos a organizar.

— De certeza que não vamos ter de suportar todo esse disparate. Gracie, sabes que consegues sempre o que queres...

— Bem, eu também quero assim. Vai ser tão divertido. Karen Arbuthnot será a minha dama de honor...

— Gracie, tem compaixão...

— De qualquer modo não podíamos casar agora com a minha avó tão doente. Imagina que morria no dia do nosso casamento?

— Está muito doente?

— A tia Charlotte diz que está a morrer. Mas isso pode ser o que se pensa por se desejar.

— Tenho tanto receio de te perder.

— Não sejas idiota. Agarra a minha mão, sente-a.

— Gracie, minha boneca, tens a certeza de que não te importas...

— De quê? Ludwig, estás a *tremar*.

— É tudo tão repentino. Tenho estado assim nestas últimas semanas.

— Por minha causa?

— Sim, por tua causa. E por... Sim, Gracie, tens a certeza de que não te importas com o que fiz? Isto é, por não regressar, por não ir para a guerra, percebes...

— Porque havia de me importar por não queres lutar numa guerra cruel? Por que havia de me importar por teres escolhido viver aqui, em Inglaterra, comigo e ser inglês?

— Mais tarde poderias querer ir para a América e será impossível, julgo eu.

— Não quero ir para a América. Tu és a minha América.

— Gracie, meu amor! Mas... não achas que é desonroso?

— Na verdade, como é que pode ser desonroso fazer a coisa acertada?

Estavam sentados ao lado um do outro, precariamente como se estivessem num bote. Ludwig apertava na sua a mão direita dela. O braço esquerdo envolvia-a pelos ombros. Os seus joelhos ossudos com calças axadrezadas pressionavam-se contra os dela, macios, com uma tonalidade castanho-pálida e reluzentes através das bainhas abertas das calças justas. Cheirava a carne jovem e a sabonete e a pólen. Oh, meu Deus, se ao menos se pudessem despir! Lá fora chovia. Uma chuva morna de princípio de Verão acariciava, brincalhona, a janela. Uma luminosidade suave mostrava as pequenas casas, em frente, cor-de-rosa e brancas, contra um céu cinzento-carregado que brilhava como metal iluminado. Num lugar qualquer, sobre o parque, iria aparecer um arco-íris; noutra, a guerra continuava com explosivos violentos, bombas incendiárias e gente morta e estropiada. Lá fora havia pessoas que tinham estado na guerra toda a vida.

A data crucial tinha passado. Há uns tempos rasgara o cartão de destacamento. Mas até há pouco tinha existido uma saída. Agora nada havia a fazer. Tinha dado um passo cuidadosamente pensado e com isso tinha escolhido o exílio. Só lamentava os pais, nada mais. Era filho único. Tinham empenhado as suas vidas para fazer dele o que nunca tinham conseguido ser: um genuíno americano. Nunca iriam compreender.

— Toma mais qualquer coisa — disse Gracie. — Come um pouco de Bolo Campo de Ténis. Eu sei que gostas de maçã. Come este *gâteau* russo.

O minúsculo quarto a que chamava sala de estar, e em que, na verdade, não tinham feito coisa alguma a não ser estar sentados, era acolhedor e formal. Uma formalidade e uma ordem infantis. Aquele cuidado de uma sala de aula, aquele vulgar e florido encanto representava, suspeitava Ludwig, não só o gosto de Gracie por educar, mas também uma época desaparecida ao gosto dos pais. Ouvira, uma vez, Gracie opor-se à ideia entusiástica de Clara para o redeclarar. Uma crescente miscelânea de quadros lutava agora com os raminhos de flores do papel de parede: pequenas reproduções impressionistas, gravuras de falcões e papagaios, fotografias da Acrópole, do

Castelo de Windsor e do Taj Mahal. Gracie, todavia, nada sabia de arquitectura, ou de aves, e confundia constantemente Van Gogh com Cézanne. Na realidade, parecia saber muito pouco fosse do que fosse. Tinha abandonado a escola cedo e, com toda a firmeza, recusara prosseguir a sua educação. Que diabo se podia fazer, pensara um dia, com uma rapariga que não fazia ideia de quem era Carlos Magno e que não se importava com isso? Mais tarde admirou a sua energia e chegou a louvar a sua calma ignorância. Não tinha as pretensões e as ambições que enchiam de energia a vida. A simplicidade, a alegria, até mesmo a sua estupidez, tornavam mais leve a sua tristeza puritana. Sabia, no entanto, que esta quase-criança não era uma rapariga simples. Havia uma formidável vontade esmagada no interior deste botão por desabrochar.

- Não, obrigado, não quero.
- Come então um destes bebês de gelatina.
- Não. Ainda sinto o estômago às voltas.
- Bem, eu estou *cheia de fome*.

Gracie comia muito, mas mantinha-se magra. Parecia a miniatura de uma rapariga pálida com uma graciosa cabeça, bem delineada e com um rosto pequeno e ansioso. Tinha uma carne resplandecente e de aspecto empoado, olhos azuis-claros e um cabelo dourado-prateado, fino e meio comprido. Quando ficava irritada parecia um *terrier*. Quando se sentia satisfeita consigo própria, o que era frequente, parecia uma oriental. Não era coquete, porém muito consciente da sua juventude e beleza. A sua boca pequena sabia o que dizia, era ponderada e obstinada. Para Ludwig, assemelhava-se a uma relíquia preciosa, herdada pela família, com um requinte feminino já desaparecido, algo quase vitoriano.

- Achas que vais conseguir aquilo em Oxford?
- Céus, espero que sim. Tento não pensar nisso. É tão importante.
- Gostava de viver em Oxford. É um lugar tão bonito. E tu vais interessar-te pelo campo.

— Não te importas de estar casada com um enfadonho e velho professor universitário de História Antiga?

— Não sejas absurdo, Ludwig. Julgas que quero casar com um astronauta ou coisa assim? Só desejava não ser tão ignorante. Só vou ter de me manter calada e sorrir. Julgo que há mulheres como eu em Oxford. No entanto, o resto da família é um espectáculo. O papá foi o primeiro classificado entre os alunos distintos de Matemática e a mamã esteve em Bedford e, claro, Patrick...

A ansiedade por causa da colocação em Oxford, que desejava tão intensamente, tinha contribuído para o seu tormento. No seu espírito, Oxford, durante estes meses, tornara-se gigantesca, vasta e magnética. E simultaneamente uma espécie de paixão. Imaginava-se lá como um homem a imaginar o paraíso. Receava o desapontamento como um homem receia o inferno.